

A ARTE DE LER E ESCREVER CRÔNICAS: UM PASSEIO PELA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Antonia Pereira de Souza (SEDUC - MA)

RESUMO: Este artigo apresenta o relato de experiência “A arte de ler e escrever crônicas: um passeio pela Olimpíada de Língua Portuguesa” realizada no Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves, uma escola pública de Caxias – Maranhão, em 2010, com o ensino fundamental (9º ano A e B) e o ensino médio (primeira série D), tendo como objetivos: a) ler crônicas de autores diversos, observando as diferentes maneiras empregadas pelos escritores para manifestarem seus pensamentos através desse gênero; b) escrever crônicas para a 2ª Olimpíada de Língua Portuguesa, sobre as pessoas, os costumes, a vida do lugar onde moramos. O aporte teórico é baseado nos PCN’s, nas ideias de Davi Arrigucci Jr. (1987), Isabel Solé (1998) e de Jorge de Sá (1985). A orientação metodológica é sugerida por Maria Aparecida Laginestra e Maria Imaculada Pereira (2010), Richard Bamberger (1995) e Antonio Gil Neto (1993).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Crônica.

1. Introdução

A experiência “A arte de ler e escrever crônicas: um passeio pela Olimpíada de Língua Portuguesa” foi realizada em 2010, no Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves, uma escola pública estadual, localizada à Praça João Castelo s/n, em Caxias – Maranhão, onde funcionam ensino fundamental (9º ano A e B, no turno matutino) e ensino médio (nos três turnos). Participaram da atividade 112 alunos do 9º ano A e B e da 1ª série D do ensino médio. Os objetivos da experiência foram: a) ler crônicas de autores diversos, observando as diferentes maneiras empregadas pelos escritores para manifestarem seus pensamentos através desse gênero; b) escrever crônicas para a 2ª Olimpíada de Língua Portuguesa, sobre as pessoas, os costumes, a vida do lugar onde moramos. O aporte teórico é baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas ideias de Davi Arrigucci Júnior (1987), Isabel Solé (1998) e Jorge de Sá (1985). A orientação metodológica é sugerida por Maria Aparecida Laginestra e Maria Imaculada Pereira (2010), Richard Bamberger (1995) e Antonio Gil Neto (1993).

A 2ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – etapa escolar – está dividida em 11 oficinas, envolvendo leituras e audição de crônicas de autores diversos, como Machado de Assis e Moacyr Scliar, além de orientações para a produção e avaliação dos textos. Apesar de os alunos demonstrarem que eram inexperientes na leitura e na escrita de crônicas, o número de oficinas pareceu excessivo, por isso o caderno de orientações foi sintetizado e transformado numa apostila que foi reproduzida para os alunos.

A fim de que os discentes se familiarizassem com o gênero, sugeriu-se que, antes da realização das oficinas da OLP, eles lessem livros de crônicas de autores diversos, em seguida, falaram para a turma sobre as obras lidas, bem como sobre seus autores. Após essa etapa foram apresentadas as orientações da OLP para a produção de crônicas, de forma sucinta, uma vez que os discentes já estavam familiarizados com o gênero. Esta Olimpíada é uma iniciativa do ministério da Educação (MEC) e da Fundação Itaú Social (FIS).

2. Fundamentação teórica

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9394/96, artigo 32, inciso I, um dos objetivos do ensino fundamental refere-se ao domínio da leitura e da escrita como um aprendizado essencial para a vida dos alunos, como se pode observar neste trecho: “O ensino fundamental [...] terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante [...] o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita [...]” (1996, p. 12). Para o currículo do ensino médio, a LDB também ressalta a importância da compreensão da leitura e a “língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” (1996, p. 14).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais referem-se à crônica como um dos “gêneros privilegiados para a prática de escuta, leitura e produção de textos” (1998, p. 54, 55), provavelmente porque se trata de uma tipologia textual curta e que, em sua maioria, envolve seus personagens em situações parecidas com as vividas no dia-a-dia pelos leitores.

Isabel Solé considera a leitura, no ensino médio, como algo essencial para novas aprendizagens, por isso as atividades sobre leitura devem ser intensificadas neste nível de ensino, uma vez que os discentes, teoricamente, estariam mais preparados para novos desafios do que os do ensino fundamental: “Podemos considerar que, a partir do ensino médio, a leitura é um dos meios mais importantes na escola para a consecução de novas aprendizagens” (1998, p. 36).

De acordo com Arriguetti, crônica é um gênero adequado à vida moderna, em vista de trazer as novidades para o inquieto e insatisfeito público leitor: “um fato moderno, submetendo-se aos choques da novidade, ao consumo imediato, às inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e à fugacidade da vida moderna”. Ainda conforme o pesquisador, a crônica mereceria mais destaque na mídia em que geralmente é veiculada, em vista de ter adquirido o status de um “gênero propriamente literário, muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica [...]. Seria injusto reduzi-la a um apêndice de jornal” (1987, p.53).

Sá destaca a importância do papel do cronista, como uma pessoa sensível e observadora que percebe intensamente os sinais da vida e funciona como um porta-voz e intérprete da realidade que o leitor, em vista dos compromissos exigidos pela sociedade atual, parece não ter mais tempo para enxergá-los. O cronista então devolve ao leitor “o que a realidade sufocou” (1985, p. 12).

3. Orientação metodológica

Segundo Bamberger, para que os alunos sintam-se motivados para a leitura literária, faz-se necessário o professor “Induzir à leitura” (1995, p. 93), sugerindo atividades como leitura na sala de aula, leitura e discussão em grupo, assim como a leitura individualizada fora da escola, esta ajudaria o discente a tornar-se leitor independente e capaz de escrever sua própria história de leitor.

Como para esta experiência a escrita era essencial, recorreu-se à metodologia de Gil Neto, segundo a qual no momento em que o aluno vai escrever, o professor deve envolvê-lo numa atmosfera que deixe transparecer que aquele momento é muito importante na vida do discente, ressaltando que “é da sua realidade que ele vai escrever” (1993, p. 49–50). Esta

orientação é oportuna para a experiência, uma vez que os discentes iriam expressar suas observações sobre Caxias através de crônicas.

Foi significativa a metodologia sugerida por Laginestra e Pereira (2010), uma vez que orientava que se estudasse o gênero desde sua origem, seus conceitos, os tons da crônica no Brasil e a leitura e audição de crônicas de períodos diferentes da Literatura Brasileira. Em relação à produção dos textos, a orientação era que ocorresse de forma gradativa, partindo de anotações sobre a cidade, planejamento da escrita, como a escolha prévia dos elementos da narrativa a serem empregados nos textos, produção e revisão das crônicas pelos alunos e pela professora.

4. Etapa escolar da OLP no CETRG

A etapa escolar da Olimpíada de Língua Portuguesa, no Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves, foi além das orientações recebidas da coordenação do evento, uma vez que nesta constavam apenas sugestões para leitura de dez crônicas que estavam na coletânea disponibilizada e, nesta escola, a professora incluiu leitura de livros completos de crônicas e apresentação dos livros para as turmas. Entre as obras lidas encontram-se: “Olhar de descoberta”, de autores diversos, “Cara ou coroa”, de Fernando Sabino e “Crônicas de Antônio Maria”, de Antônio Maria Araújo de Moraes, além de outras obras, principalmente do projeto Literatura em Minha Casa. Houve também a eleição da terceira melhor crônica. Simultaneamente à leitura dos livros, os alunos foram incumbidos de observar atentamente a cidade, seus habitantes e seus costumes, a fim de que fizessem anotações que facilitariam a escolha dos assuntos sobre os quais escreveriam.

Na tentativa de motivar mais ainda o público-alvo, a professora ouviu e analisou, juntamente com os alunos a crônica “O menino das meias vermelhas”, de Carlos Heytor Cony, tendo chamado atenção dos discentes a ausência de explicação para o abandono da criança pela mãe, a violência verbal sofrida pelo menino na escola, além do final aberto. Os alunos pareciam ainda habituados aos desfechos felizes dos contos de fadas, por isso o final pareceu-lhes estranho, alguns até propuseram reescrevê-lo. A professora então ressaltou que os textos não precisam ter um final fechado e aproveitou a oportunidade para apresentar-lhes o ponto de vista de Ricardo Sérgio a respeito do desfecho desse gênero literário: “a finalidade da crônica é analisar as circunstâncias de um fato e não concluí-lo, o desfecho é, praticamente, inexistente” (2007, p. 2). . Esta aula aguçou bastante a imaginação dos alunos para a escrita de seus textos.

Iniciaram-se as oficinas que constavam no caderno *A ocasião faz o escritor: gênero crônica*. Foram sugeridas onze, mas percebeu-se que algumas eram simples e era possível condensá-las para agilizar o processo. Elaborou-se então uma apostila com orientações teóricas sobre crônicas, bem como crônicas de autores diversos que vieram na coletânea da OLP. A apostila foi também uma tentativa de resolver o problema da escassez de recursos, uma vez que a professora disponibilizava apenas de um livro de orientações para o professor e dez coletâneas de crônicas, enfatiza-se que eram 112 alunos que participavam desta atividade.

As oficinas foram diversificadas, apresentando considerações sobre o gênero crônica, como a origem, os conceitos, como se apresenta a crônica no Brasil e audição, leitura e análise das crônicas: “Sobre a crônica”, de Ivan Ângelo, “A última crônica”, de Fernando Sabino, “Um caso de burro”, de Machado de Assis, “Cobrança”, de Moacyr Scliar, “Peladas”, de Armando Nogueira, “O amor acaba”, de Paulo Mendes Campos, “Do rock”, de Carlos Heytor Cony, “Considerações em torno das aves balas”, de Ivan Ângelo., “Ser brotinho”, de

Paulo Mendes Campos e “Pavão”, de Rubem Braga. Paralelamente às leituras os alunos eram orientados para a produção das crônicas, primeiramente, deveriam fazer anotações sobre a cidade de Caxias, seus costumes, seus habitantes. Destacaram-se nesta etapa anotações sobre os aspectos históricos, como a guerra da Balaiada, bem como os aspectos geográficos, morros e rios, por exemplo, e as construções antigas, como as igrejas, além das praças e de algumas pessoas que contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade, a exemplo de alguns empresários; ou para a notoriedade literária, como os poetas Gonçalves Dias e Vespasiano Ramos e o escritor Coelho Neto. Os alunos destacaram também as escolas da cidade, com ênfase para a trajetória de sucesso da escola onde estudam.

Nas oficinas de produção das crônicas, percebeu-se que algumas anotações eram insuficientes. Ao buscar as causas deste fato, descobriu-se que os alunos não tinham o hábito de observar atentamente os lugares por onde andavam, nem de enriquecer suas anotações com pesquisas, pois sugeriam que a professora completasse as anotações. Esta explicou-lhes que poderiam recorrer a livros ou a Internet. Notou-se então que a Internet era muito utilizada por eles, mas para bate-papo, redes sociais, não para pesquisas escolares. A falta de observações consistentes e do hábito de pesquisar trouxe alguns problemas para os textos dos alunos. Um que chamou atenção foi uma crônica sobre a Praça Gonçalves Dias, uma das mais conservadas da cidade, mas que, na crônica de uma aluna, tornou-se destruída. Quando a autora foi questionada sobre esse aspecto, continuou afirmando que a praça estava destruída.

Todavia, em sua maioria, as anotações foram boas e ajudaram seus autores na produção do texto que aconteceu durante o mês de junho, onde os alunos escreviam, liam e reescreviam os próprios textos, além de tecerem comentários com os colegas ou com a professora sobre o que haviam escrito, na tentativa de enriquecerem as produções. Quando sentiam que seus textos estavam prontos, entregavam-nos à professora. A produção foi, predominantemente, individual, apesar de a OLP sugerir que o primeiro texto fosse produzido coletivamente. Esta orientação não foi bem aceita pelos discentes, alegaram que havia sido difícil escolher um aspecto específico da cidade para a escrita de suas crônicas e com a produção coletiva, eles poderiam ter que descobrir novos aspectos para os textos.

É importante lembrar as dificuldades encontradas durante a realização desta experiência, entre elas, o excesso de oficinas sugeridas, pois mesmo condensadas várias em uma, tinha-se, às vezes, a impressão de que o tempo era mal utilizado; os recursos enviados pela OLP são insuficientes, pois a professora dispunha de dez cadernos para trabalhar com 112 alunos; outro fato que atrapalhou a produção das crônicas, conforme foi mencionado neste relato, foi o pouco hábito dos alunos de observarem o cotidiano da cidade onde vivem, em alguns casos parecia que andavam de olhos fechados ou envoltos numa atmosfera de encanto ou desencanto com as situações do dia-a-dia que não os permitia ver além de si mesmos. Essa dificuldade de perceber o outro dificultou e na maioria dos casos impossibilitou a produção coletiva. Mas estes obstáculos não impediram os alunos de alcançarem o objetivo da olimpíada, uma vez que os textos foram entregues de acordo com os prazos estipulados pela coordenação do evento.

No início de agosto, a comissão julgadora escolar elegeu as duas melhores crônicas: “As ruas de Caxias”, de Raquel Ferreira Coelho, da 1ª série D, texto que foi para a etapa municipal da OLP, e “Berço de amores”, de Alisson Carlos Avelino Santos, do 9º ano A. Além disso, foram selecionados mais cinco textos para concorrerem ao 3º lugar. Estes textos foram expostos para que os discentes votassem. Concorreram as crônicas “Tu és linda, Caxias!”, de Emerson de Sousa Pinheiro; “O encanto das palmeiras”, de Jordanna Taíres Ferreira Guimarães, ambos do 9º ano B; “Caxias, meu único e grande amor”, de Clara Maria Sumbér da Silva; “Cidade amada”, de Raynara Lima da Silva, ambas da 1ª série D; e “A rua lá de casa”, de Marcos Linhares Rodrigues Siqueira, do 9º ano A. Foi uma manhã de eleição com direito a cédula eleitoral, urna, apuração, houve até quem burlasse a “lei” e fizesse “boca

de urna”. A crônica “A rua lá de casa” venceu a eleição. Esta juntamente com as duas primeiras colocadas estão em anexo.

5. Considerações finais

Com a experiência “A arte de ler e escrever crônicas: um passeio pela Olimpíada de Língua Portuguesa”, os alunos despertaram para a importância de ler e escrever crônicas. Observou-se que o interesse pela escrita foi intensificado. Tornaram-se frequentes comentários sobre os textos dos alunos, assim como as perguntas sobre como produzir outros gêneros literários.

A OLP tem a importância de trazer ou de tornar mais frequente o exercício da produção de textos literários na escola, uma prática que não parece comum, uma vez que algumas escolas tendem a intensificar a produção dos chamados textos dissertativos, em vista de ser a tipologia textual mais cobrada nos vestibulares. Esta prática tende a limitar as produções dos alunos à “realidade e suas provas”. A imaginação, a criação literária são pouco estimuladas. Será que esta prática não estaria dificultando o surgimento de novos escritores?

Depois desta experiência, os alunos estão buscando informações sobre como produzir outros gêneros literários. Entre estes discentes podem estar futuros escritores, despertados agora. Quanto ao aspecto da leitura, os alunos deverão ler quatro livros de gêneros diversos, este ano, todavia alguns discentes já leram mais de dez.

As crônicas dos alunos versaram sobre aspectos históricos, geográficos e culturais da cidade, bem como seus habitantes e seus costumes, observados em situações do dia-a-dia que mereceram um olhar mais atento dos novos cronistas caxienses. O nível dos textos superou as expectativas da professora e até dos próprios alunos que se descobriram escritores ou admiravam a criatividade dos amigos ao ouvir ou ler seus textos. Os três primeiros colocados tiveram seus textos postados no blog da escola, foram aplaudidos pelos colegas, ganharam a admiração destes e foram presenteados com livros pela professora, como incentivo para que continuem suas histórias de leitura e de escrita literárias.

Referências

- ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. “Fragmentos sobre crônica”, in: **Enigma e comentários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1995.
- BRANDÃO, Ignácio de et al. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Melhoramentos, 2003. (Literatura em Minha Casa; v. 2 - crônica e conto).
- BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº. 9.394/96.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CONY, Carlos Heitor. O menino das meias vermelhas. Intérprete: Ana Maria Braga. In: **Sou eu**. Manaus: BMG, c2003. 1CD. Faixa 3.
- LAGINESTRA, Maria Aparecida & PEREIRA, Maria Imaculada. **A ocasião faz o escritor**. São Paulo: Cenpec, 2010.
- MORAIS, Antônio Maria Araújo de. **Crônicas de Antônio Maria**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- NETO, Antonio Gil. **A produção de textos na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

RICARDO, Sérgio. **A crônica e o conto**. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/2226899>>. Acesso em: 10 out. 2010.

SABINO, Fernando. **Cara ou coroa**. Rio de Janeiro: Ática, 200.

SÁ, Jorge de A. **Crônica**. São Paulo: Ática, 1985. Coleção Princípios

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schinling. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ANEXOS

AS RUAS DE CAXIAS

Caxias com suas ruas novas e antigas, populares ou desconhecidas, ruas sem nome ou com nomes estranhos, com nomes de poetas e pessoas ilustres, ruas curtas ou longas não importa o tamanho.

Ruas históricas ou sem importância de uma pequena cidade, ruas tristes ou que trazem felicidade.

Onde passam os pedestres, com seu direito de ir e vir, para trabalhar ou apenas para se divertir,

Onde passam carros, bicicletas e até carroças. Algumas pessoas parecem tão ocupadas, sem tempo para poesia ou prosa e outras andam com muita calma, como se tivessem todo o tempo do mundo, como se só existisse o agora.

E tem umas ruas que levam a lugares distantes que vão além, repletas de árvores, ruas cheias de gente e outras que não tem ninguém.

Outras que não dão em nada ou que levam a casa de uma pessoa amada.

As ruas de Caxias são como os caminhos da vida, sempre procuramos o mais fácil de seguir, mas com cuidado para não cair em armadilhas.

No fim, várias ruas podem levar ao mesmo lugar, mas só uma leva ao lugar certo.

Caxias (MA), 09 de junho de 2010.

Raquel Ferreira Coelho

1ª série D

BERÇO DE AMORES

Moro junto às palmeiras que Gonçalves Dias um dia falou, das quais ouço, de vez em quando, o canto dos sabiás. Dentro de um tranquilo vale, vivo com a paz que pedi a Deus.

Nas ruínas da Balaiada resgato lembranças dos guerreiros balaaios. Na Praça do Pantheon contemplo a magnitude de seus belos jardins, e na Praça Gonçalves Dias, avisto milhares de pessoas em um cansado cotidiano. Gosto de andar no Calçadão da Afonso Cunha onde se encontram as melhores lojas da cidade.

Entre mil maravilhas é importante falar da Catedral da cidade e da igreja de Nossa Senhora do Rosário, uma construção muito antiga. A linda vista que temos do alto do Morro do Alecrim nos deixa em êxtase, pois é possível ver a cidade inteira.

Minha terra é berço de músicos e poetas, é o coração da Mata-dos-cocais. Nossas fontes de água mineral nos trouxeram esperanças. Nossas palmeiras choram azeite, que é comum em nossas comidas típicas. Os nossos casarões revelam a beleza do passado.

A minha terra exhibe a exuberância que triunfa no Maranhão e desperta a inspiração de seus artistas. Esta é minha terra, minha Caxias do Maranhão.

Caxias (MA), 15 de junho de 2010.

Alisson Carlos Avelino Santos

9º ano A

A RUA LÁ DE CASA

- Vai! Mergulha! Ta com medo?!

O tempo chuvoso e a Rua da Liberdade, localizada em Caxias – Maranhão, toda alagada. Meninos nadando pra lá e pra cá, e ainda dizem com a maior cara-de-pau que água da chuva com esgoto não traz doenças. “Ah bom!”

E lá estava eu. Correndo de um lado para o outro feito um maluco. Em minha opinião, isso é que é diversão. Já não posso dizer o mesmo pelo dono da quitanda, que abrigava meninos e meninas debaixo de seu telhado. Era emocionante!

Todo mundo estava lá (a galera da rua) e os meninos nadavam como tubarões no oceano, como aves no céu. Ops! Aves voam...

Que pena. A chuva parou e a rua voltou ao normal. Só que ainda ficou um sentimento de quero mais. Olhávamos para o céu como se estivéssemos pedindo chuva através do olhar. Nada aconteceu.

Mas aí, o Vinícius, outro menino, teve uma ótima ideia: jogar bola. E lá estava eu. Correndo de um lado para o outro, só que dessa vez, com a bola no pé e o sorriso no rosto.

E no final do dia, antes de dormir, as consequências entraram em ação: narizes entupidos e espirros pela madrugada. Emocionante...

Caxias (MA), 15 de junho de 2010.

Marcos Linhares Rodrigues Siqueira